



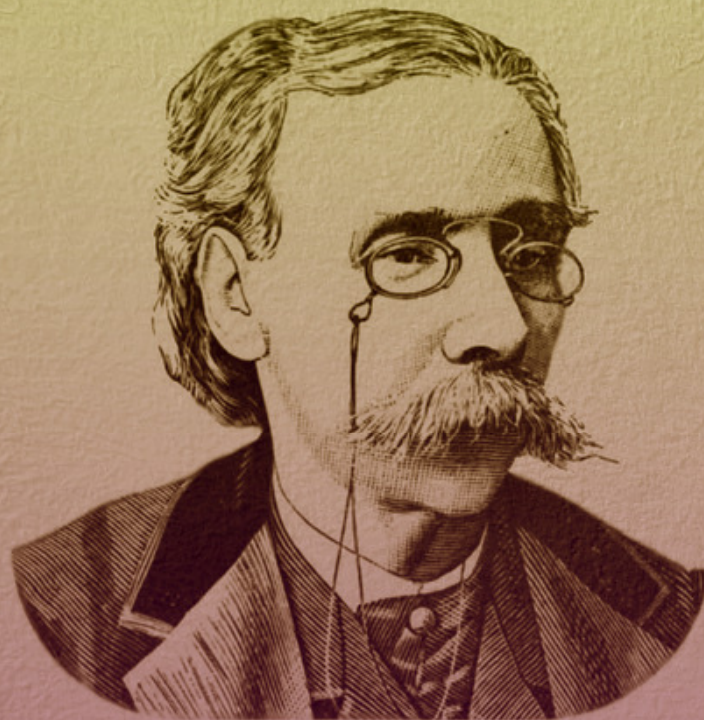
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Camilo castelo Branco

Patologia do casamento



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Patologia do casamento
Camilo Castelo Branco

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1862.

Livro Digital nº 673 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

PATOLOGIA DO CASAMENTO



DEDICATÓRIA

Excelentíssima senhora D. Fulana.

Conceda-me vossa excelência a glória de oferecer-lhe um quadro desta galeria. Vai ler um drama intitulado *Patologia do Casamento*.

Patologia, minha querida Sra. D. Fulana, é uma palavra grega, composta de *patos*, doença, e *logos*, tratado. Quer, por tanto, dizer *moléstias do casamento*.

Balzac escreveu a "*fisiologia*"; outro, que me não vem à memória, escreveu "*anatomia do coração*"; faltava uma "*patologia*" que aparece agora, e, mais tarde, se me não faltar a vista intelectual, que já sinto muito cansada, escreverei a "*Farmácia do casamento*" que hei de dedicar a uma outra D. Fulana, que eu cá sei.

Vossa excelência é uma senhora fina, que, além de ter a cabeça no seu lugar, apresenta muitas vezes lume no olho. Simpatizo com o seu talento, e talvez casasse com a Sra. D. Fulana, se tivesse a certeza de podermos entreter o nosso tempo traduzindo os trinta e sete livros de Plínio, e os trinta e cinco *De Lingua Latina* de Terêncio Varro, que Deus tem em sua santa glória.

Penso que vossa excelência não estaria por isto. O seu espírito tem calafrios de entusiasmo, e eu, a falar-lhe a verdade na sua nudez patriarcal, devo dizer-lhe que tenho dentro do peito uma múmia, que poderia valer alguma coisa nas ruínas de Mênfis, mas não vale nada no cavername ossudo deste seu criado.

Eu preciso de uma mulher de óculos, e pitada constante nos dedos.

Quero que ela me fale dos Heráclidas, das Saturnais de Macróbio, de Creta e de Lacedemônia, da Beócia e Epaminondas.

Eu não sei se vossa excelência sabe alguma coisa disto; mas desconfio que não. Fala-me muito em Victor Hugo, e na *Petite Fadete* de George Sand. Já a encontrei a ler *les Liaisons Dangereuses*, e a *Manon Lescaut*. Palpita-me que a Sra. D. Fulana tem na cabeça muita soma de teias de aranha, e não serei eu a vassoura da limpeza.

Não obstante, respeito-a, admiro-a até ao ponto de lhe oferecer a minha "*Patologia do Casamento*."

Digne-se vossa excelência acolhê-la no regaço da sua benevolência, e dê-me ocasiões de mostrar-lhe que sou

De vossa excelência

o último criado, e o primeiro dos seus admiradores,

CAMILO CASTELO BRANCO.

PERSONAGENS:

D. LEOCÁDIA (18 anos)

D. JÚLIA (20 anos)

A VISCONDESSA DE VALBOM (45 anos)

JORGE DA SILVEIRA (30 anos)

ÁLVARO DE CASTRO (32 anos)

EDUARDO LEITE (30 anos)

O VISCONDE DE VALBOM (50 anos)

Damas, cavalheiros, e criados. (Podem ter a idade que quiserem)

A cena dizem que se passou no Porto; mas o autor não impõe, Mafoma dramático, a crença a ninguém. Cada qual fique no que lhe parecer; mas, se, efetivamente, os personagens existem, tenham paciência.

ATO I

Decoração: Uma saleta contigua a um salão de baile, separada por largas portadas de vidro, através das quais se veem perpassar, em passeio, damas e cavalheiros.

CENA I

Júlia, e Leocádia, entrando, como fatigadas, sentam-se num sofá. Júlia tira da cabeça uma grinalda de flores brancas, que arremessa com desdém sobre o sofá.

JÚLIA

Aflige-me tudo!... Tomara-me eu na minha liberdade, Leocádia! Não gozo nada... Tanta luz parece um insulto à escuridão da minha alma... Queria-me sozinha...

LEOCÁDIA

Não tens paciência nenhuma, Júlia!... Que é o que te aflige assim?

JÚLIA

Que é!... É aquele homem... Sempre aquele homem!... não há nada que o desengane...

LEOCÁDIA

Nem as palavras?!

JÚLIA

Eu sei!... nem as palavras, talvez...

LEOCÁDIA

Por que não és franca?! Eu, de mim, na tua posição, tinha-lhe dito: “não me persiga!” É o que eu já disse a Eduardo...

JÚLIA

Eu não sei dizer isso... Acho que é aviltar demasiadamente um homem... Pois tão estúpido é ele, que precisa uma franqueza tão imprópria de uma senhora? Tenho feito tudo que pode desenganar um homem... Teima, persegue-me, flagela-me... é insuportável!... Ainda há pouco, entre mim e Jorge...

LEOCÁDIA (*sobressaltada*)

E Jorge!...

JÚLIA

Que modo é esse!? Jorge interessa-te?!

LEOCÁDIA

E a ti?

JÚLIA

A mim?... Pois não sabes...

LEOCÁDIA

O quê?... não sabia... Ele ama-te?

JÚLIA

Tem-mo dito...

LEOCÁDIA

Ele!... tem te dito... Jorge!...

JÚLIA

E também a ti?... Fala depressa...

LEOCÁDIA (*contrafeita*)

Não... a mim... não... mas a ti... sim?

JÚLIA

Penso que sim... mas esse descorar... Leocádia!...

LEOCÁDIA

Fui eu que me enganei... Pensava...

JÚLIA

Talvez te não enganasses... Que te disse ele?

LEOCÁDIA

Nada... Vamos nós à sala?...

JÚLIA

Já?!... Eu não vou já... Vai tu, se queres...

LEOCÁDIA

Que é o que me querias dizer?... Disseste que entre ti e Jorge...

JÚLIA

Estava uma cadeira de vago... Álvaro vinha ocupá-la, e eu ergui-me de repente, e ocupei-a primeiro...

LEOCÁDIA

E Álvaro... nem assim...

JÚLIA

Me compreendeu... Sentou-se na imediata, e disse não sei que frioleira...

LEOCÁDIA

Se tu és tão amável!...

JÚLIA

Ai!... tu queres imitá-lo?! É o que ele me diz cem vezes em cada baile...

LEOCÁDIA

Uma verdade, por muito repetida, nunca perde o merecimento...

JÚLIA

Que maneira de falar!... Quem me dera adivinhar-te! Tu amas Jorge!...

LEOCÁDIA

Não, menina... Eu não amo ninguém...

JÚLIA

Ninguém?! nem a tua Júlia?

LEOCÁDIA

A minha Júlia não pode repartir o seu coração... Não quero entrar em partilha com Jorge... O pior quinhão seria para mim, porque não há nada superior a ele... Ficas?

JÚLIA

Fico a cismar... Vem cá, Leocádia... sê franca, senão... não sou tua amiga... Jorge será um impostor?...

LEOCÁDIA

Perguntas-mo a mim!? Eu não sei...

JÚLIA

Terá tido a mesma linguagem para ambas?

LEOCÁDIA

Disse que te amava?... A mim... não me disse nada...

JÚLIA

Então és tu que o amas?

LEOCÁDIA

Não... Olha, minha amiga, faz de conta que eu ouvi com perfeita indiferença a tua revelação... Até logo... Aí!... diz-me cá... O teu namoro é antigo... ou começou aqui?

JÚLIA

Com Jorge? É muito moderno... Tem um mês... É uma criança, mas já foi batizado com lágrimas...

LEOCÁDIA

Já? Pois afaga-o muito na alma... Sê muito feliz... que eu, se te não felicitei mais cedo, é porque o não sabia... Vou lá dentro... Minha mãe deve reparar nesta ausência...

JÚLIA

Não me deixes agora que aí vem Álvaro... É insuportável!

LEOCÁDIA

Ora!... que mal te faz o homem?!... Eu volto já... Olha... diz-lhe que

amas Jorge... é impossível que ele queira sustentar a competência...
(*Sai*)

CENA II
Júlia e Álvaro.

ÁLVARO

Está incomodada, Sra. D. Júlia?

JÚLIA

Não, senhor.

ÁLVARO

Então está aborrecida...

JÚLIA

De certo...

ÁLVARO

Menos, quando ao seu lado um certo cavalheiro de luneta...

JÚLIA

Ah! o senhor vem pedir-me satisfações? É engraçada a liberdade!...

ÁLVARO

Não lhe peço satisfações... Se as minhas palavras foram indiscretas, seja generosa, perdoando-mas.

JÚLIA

Muitos perdões me tem pedido, Sr. Álvaro!... A minha generosidade com vossa senhoria chega já a parecer-se...

ÁLVARO

Com a virtude duma santa?

JÚLIA

Não queria dizer isso...

ÁLVARO

Queria dizer que chega a parecer-se...

JÚLIA

Com um excesso de imbecil paciência.

ÁLVARO

Isso é muito forte!... Eu não lhe mereço tanto! Nunca lhe disse afrontas...

JÚLIA

Com que direito há de dizer-mas?

ÁLVARO

Não tenho nenhum? absolutamente nenhum?

JÚLIA

De certo, nenhum...

ÁLVARO

A paixão cega o entendimento...

JÚLIA

Não é minha a culpa...

ÁLVARO

É toda...

JÚLIA

Toda?... pois eu autorizei-o? Disse-lhe alguma vez que o amava?

ÁLVARO

Nunca mo disse... porque...

JÚLIA

Porque o não sentia... Que mais lhe posso dizer agora?

ÁLVARO

Depois disso, mais nada. (*Retira-se*)

JÚLIA

Foi preciso isto... Ainda bem!...

(Ouve-se a música de uma polca. Júlia enfeita-se ao espelho com a grinalda, e sai)

CENA III

Jorge e Eduardo.

JORGE

Tu vais ser verdadeiro, Eduardo?

EDUARDO

Como Epaminondas Tebano, que nem zombando mentia. Não me lembra doutro estafermo antigo que falasse verdade...

JORGE

Tu tens algumas inteligências com Leocádia?

EDUARDO

Diz-me cá, Jorge, pode fumar-se aqui?

JORGE

Não... se queres vamos à sala debaixo...

EDUARDO

Não posso, que tenho a sexta quadrilha com Leocádia... Diz lá o que queres...

JORGE

Perguntei-te se amavas Leocádia.

EDUARDO

Gosto muito dela... Depois de um bom charuto, é o meu sonho dourado.

JORGE

E ela...

EDUARDO

Gosta de mim? não sei bem ainda... Perguntei-lho ainda agora pela vigésima vez... Disse-me que sim, e é a primeira vez que m'o diz... Se mente, lá se avenha com a sua consciência...

JORGE

E é a primeira vez que te disse que sim?

EDUARDO

A primeira, palavra de honra, Jorge!

JORGE

E que concluis daí?

EDUARDO

Concluo que não gostou até hoje.

JORGE

E não concluis mais nada?

EDUARDO

Nem quero.

JORGE

Não supões que ela amasse, até este momento, outro homem?

EDUARDO

Não só suponho; mas até acredito... Nada de emboscadas... Essa diplomacia parece-me uma velhacaria rançosa... Sei que amas Leocádia, ou, se a não amas, que a amaste já... Eu não tenho nada com o passado, nem com o futuro... A minha grande questão é a atualidade. São arrufos? Deixá-los ser: aqui estou eu para encher as lacunas, e tenho nisso muita honra... Nunca me importou saber que tentos lavravas no coração da pequena. Vi-te fazer de César, e eu fiz de Fabio. Agora, cada um de nós segue o seu sistema... E até logo... Acho que não te queres bater...

JORGE

Eu não me bato por estímulos tão pouco despertadores do brio...

EDUARDO

Fazes tu muito bem... Eu também zango de duelos, principalmente por causa de mulheres... que comem sanduíches, e bebem limonadas... Fala-me logo... (*Sai*)

CENA IV

Jorge e depois Júlia.

JORGE

Eu tinha previsto tudo... Era necessário renunciar uma das duas...

JÚLIA

Procurava-o...

JORGE

Sim?... que é, Júlia?

JÚLIA

Diga-me: poderei confiar a Leocádia o segredo do nosso amor?...
Vacila?... responda!...

JORGE

Tem precisão de confidentes?

JÚLIA (*sorrindo*)

Tenho, porque me não cabe a felicidade no coração... Posso?...

JORGE

E é forçoso que seja Leocádia?!

JÚLIA

É... preferi-a entre todas as minhas amigas... Que embaraços são
esses?!

JORGE

Entendo que não deve revelar a ninguém o nosso amor.

JÚLIA

Sim?... por que mo não disse?... Já agora, perdeu-se a sua discrição...
Eu disse tudo...

JORGE

A quem?

JÚLIA
A Leocádia...

JORGE (*à parte*)
Está explicado o enigma!...

JÚLIA
Nada de monólogos... fale comigo... Ora, Sr. Jorge... que necessidade
tínhamos nós de corarmos um na presença do outro!?

JORGE
Eu não coro... A cor deste rosto só pode alterá-la uma infâmia.

JÚLIA
Dê o nome que lhe aprouver ao seu ato, que eu não lhe conheço
outro... Vossa senhoria feriu-me, e cicatrizou-me a ferida... São boas
todas as afrontas que nos despertam a sensibilidade da honra... A
lembrança do ultraje há de fazer que eu esqueça a causa depressa...
Fez bem... Deixou cair a máscara muito a tempo... (*Retira-se*)

JORGE
Escute-me, Júlia... (*Vai sentar-se no sofá*)

CENA V

Jorge, e Eduardo, dando o braço a Leocádia.

EDUARDO
Será isto um sonho?... Se o é, deixe-me sonhar uma hora, sim?

LEOCÁDIA (*sorrindo*)
Também há sonhos de que se acorda com a face cheia de lágrimas...

EDUARDO (*para Jorge*)

Ainda aqui!...

(Leocádia estremece)

JORGE

Ainda aqui... não estou mal... Tem dançado muito, minha senhora?

LEOCÁDIA

Principiei agora...

JORGE

Pois ainda tem muito tempo de gozar... São três horas... Nunca lhe esqueça que foi às três horas...

LEOCÁDIA

Não o compreendo, Sr. Jorge... Que tenho eu com as três horas do seu relógio?

JORGE

Não se finja simples como donzelinha que saiu ontem do colégio...

LEOCÁDIA

Antes uma fingida inocência que uma descarada impostura.

JORGE

Não entendo.

EDUARDO

Os senhores dizem que não se entendem, e eu de certo não os entendo melhor. Não façam cerimônia de mim. Queiram explicar-se de modo que eu possa reconciliá-los.

JORGE

Reconciliar-nos!... Não estamos divorciados... O que me prende a

esta senhora são os respeitos e considerações que se lhe devem. Em quanto ela se não desviar da carreira de um nobre procedimento, as nossas relações não sofrem quebra...

EDUARDO

Pois nesse caso, meu caro Jorge, serás sempre o respeitador desta senhora, porque os anjos não se precipitam desde que um, há muitos anos, teve o mau gosto de se precipitar do céu.

JORGE (*sorrindo*)

Sra. D. Leocádia... Sra. D. Leocádia!... (*Retira-se*)

CENA VI

Eduardo e Leocádia.

EDUARDO

Falemos seriamente, minha senhora. Vossa excelência num momento de ciúme, dignou-se empregar-me no seu serviço como instrumento de barro, que se quebra, feito o serviço, não é verdade? Ora ande lá... não perca o ânimo, suposto que o escarlate do pejo não lhe fica mal... acho-a muito mais bela... Parece-me que adivinho o segredo... Vossa excelência encontrou em flagrante delito de ternura o sensível Jorge com a sensível Júlia... Ferida na sua vaidade, quer vingar-se, e eu represento neste negócio o *tertius* sem o *gaudet*. Perdoará o latim... quis dizer que represento neste negócio uma triste figura... Já não é a primeira vez... Não se inquiete, que eu também me não incômodo... Tire de mim o partido que quiser...

LEOCÁDIA

Sr. Eduardo... não devia falar-me assim... Essas palavras são tão repassadas de ironia...

EDUARDO

É o meu gênio... Sou um Demócrito pequenino, porque também são ridiculamente pequenas as cousas que me fazem rir... aí vem uma que me arranca do profundo da consciência uma legítima gargalhada.

LEOCÁDIA

Que é?

EDUARDO

É a sua amiga Júlia pelo braço de Álvaro, em íntima conversação... Não acha tudo isto tão cômico?

CENA VII

Leocádia, Eduardo, Júlia e Álvaro.

EDUARDO (*para Álvaro, sorrindo*)

Os reis da noite somos nós, Sr. Álvaro... Logo despimos a púrpura de reis de comédia, e fumamos um péssimo cigarro do contrato...

ÁLVARO

Não entendo a finura do epigrama.

EDUARDO

Então, é mais feliz do que eu supunha... Pode contar com o reino do céu... Deveras não entende?

ÁLVARO

Não, e dispenso as explicações oficiosas do meu amigo...

EDUARDO (*rindo*)

Espero que à solenidade do estilo, se não siga um cartel de desafio...

LEOCÁDIA

Que linguagem!... É bem galhofeiro o seu caráter, Sr. Eduardo!

EDUARDO

Muito galhofeiro, minha rica senhora... E ali o do meu amigo é sombrio como o de um encapotado de drama em cinco atos.

ÁLVARO

A verdade é que nos não parecemos...

EDUARDO

Felizmente para o senhor ou para mim... Mas na singeleza do coração, na temperatura do amor, há de permitir que sejamos parecidos como Pílades com Orestes...

ÁLVARO

Não temos semelhança nenhuma... Eu não posso brincar com as paixões...

EDUARDO (*à parte, a Leocádia*)

É da força de trinta Paulos; mas a Virgínia que o escuta, só com os olhos, daqui a pouco remete-o ao catálogo dos Otelos em quarta mão. (*Álvaro e Júlia retiram-se*) Espero que não se baterá comigo, Sr. Álvaro... Não respondeu!... Aquele silêncio não quer dizer nada; mas, quem não conhecer o homem, há de supor que a cratera vai rebentar... Quer sentar-se, minha senhora?...

LEOCÁDIA

Sim... um momento... aí vem Jorge.

EDUARDO

Ah!... Vossa excelência estremece!... Muito me ama! (*Rindo*) É de uma ingenuidade mitológica!...

CENA VIII

Leocádia, Eduardo e Jorge.

JORGE

Eduardo, preciso roubar-te um instante a essa senhora... tens a bondade!

EDUARDO

Ah! sim... esta senhora não vai de certo queixar-se à polícia pelo roubo...

JORGE (*a sós*)

Fazes um sacrifício deixando-me cinco minutos com ela?

EDUARDO

Sacrifício... nenhum; mas a decência pede que eu não esteja aqui servindo de sentinela à vista a um teu namoro... Ai!... espera... eu dirijo-me a estas duas almas penadas, que aí vem... Vou cumprimentá-las, e tu, como penetrante abutre, desce o voo sobre a presa... (*Cumprimenta duas damas, vestidas de branco, em quanto Jorge vai sentar-se ao lado de Leocádia*) Parecem-me dois anjos, minhas senhoras. São duas virgens de Taurida, que fazem lembrar as alvíssimas virtudes de Efigênia...

(*As damas, que ele acompanha, com gaifonas cortesãs, retiram-se sorrindo*)

CENA IX

Jorge e Leocádia.

JORGE

Que caprichos são estes, Leocádia?

LEOCÁDIA

Caprichos!... O sentimento de uma ofensa é um capricho?!

JORGE

Qual é a ofensa? Uma leviandade de Júlia?

LEOCÁDIA

A leviandade foi minha, que não quis imitá-la a ela e a muitas, que sabem pisar os homens aos pés antes de lhes darem a mão para que se levantem. Eu dei-lhe a minha alma sem reserva... Fiz do meu amor um sagrado mistério com medo que m'o profanassem. Violentei-me a olhá-lo, em público, com indiferença, para que ninguém me invejasse. Eram estes os seus conselhos, Jorge... Hoje é que eu compreendo a horrível significação deste plano. O senhor precisava do segredo para agradar a muitas vítimas iludidas com um só lance de olhos... Creia que tenho tanta pena de mim como de Júlia...

JORGE

Olha, Leocádia... se o meu crime foi grande, a tua vingança excede-o... Não me pareces o anjo resignado que eu imaginei... O que eu acabo de fazer foi uma experiência na tua alma... O resultado foi infeliz! Nunca previ que consentirias ao teu coração um arrojo vingativo, indigno de ti...

LEOCÁDIA

Que fiz eu?

JORGE

Que fizestes tu?... É boa a pergunta!... Procuraste nesse salão o homem mais desacreditado, o espírito mais corrompido, o cínico mais orgulhoso de o ser, e disseste-lhe que o amavas, sorriste angelicamente às suas frases irônicas, e nivelaste-me com ele, apresentando-mo como rival!... Eu... rival de Eduardo!...

LEOCÁDIA (*com vivacidade*)

Como rival... nunca! Ele não podia ser seu rival... porque eu não tenho dois corações... Fui imprudente... confesso que fui; mas não pude mais... a punhalada feriu-me de repente, não me deu tempo de pensar... disse-lhe não sei quê dos lábios, mas o coração aborrece-o, porque eu não posso amar alguém com mais virtudes do que tu... pouco me importa que tu sejas tão cínico, tão desmoralizado como Eduardo... Oh! Deus queira que me não ouvissem... aí vem Júlia... Eu retiro-me... A mãe está com os olhos fixos em mim... (*Menção de sair*)

CENA X

Álvaro, Júlia e Jorge.

JÚLIA (*passando por Leocádia*)

Muitos parabéns, minha amiga...

LEOCÁDIA

De quê?

JÚLIA

Transigiste amigavelmente?...

LEOCÁDIA

Não sei que dizes...

JÚLIA (*irônica*)

Inocentinha...

(Leocádia sai. Passam alguns grupos de homens e senhoras)

ÁLVARO (*que não vê Jorge*)

Jorge não é homem talhado para o seu coração...

JÚLIA

Fale baixo, que ele está muito perto... Mas não se cale... diga alguma coisa.

ÁLVARO

É necessário ter o coração puro de amores viciosos para conceber a sublime candura do seu...

JÚLIA

Hei de morrer sem ser compreendida...

ÁLVARO

Não nasceria eu para compreendê-la?

JÚLIA

Ai! não... a minha alma é um abismo, onde se esconde o anjo do bem, e a serpente do mal... Tenho na mesma intensidade transportes de amor e ódio...

ÁLVARO

Qual lhe mereço?...

JÚLIA

Quer-me sincera? uma verdadeira estima de irmã...

ÁLVARO

Só?

JORGE (*sem erguer-se do sofá*)

Ó Sr. Álvaro!... Que tal acha a eloquência desta senhora?

ÁLVARO

A pergunta é célebre; todavia, responderei: a eloquência desta

senhora é excelente...

JORGE

E vossa excelência Sra. D. Júlia, que tal acha a eloquência daquele senhor?

JÚLIA

Eu sou menos generosa que este cavalheiro: não lhe respondo.

JORGE

Responda, responda, que vossa excelência não é responsável pelo que diz...

ÁLVARO

Eu não posso consentir que se afronte assim uma senhora!...

CENA XI

Os mesmos e Eduardo, que vem passando com uma dama pelo braço, e para.

JORGE

Pois senão pode, resigne-se...

ÁLVARO

Tenho a optar por outro expediente antes da resignação...

EDUARDO

Naturalmente quer bater-se... Eu sou de opinião que os meus amigos devem cortar-se reciprocamente os pescoços às 4 horas da tarde...

JORGE (*sorrindo*)

Fecha lá as torneiras ao espírito, Eduardo. Aqui fala-se seriamente...

Não vêes que aquele senhor está formalizado?

EDUARDO

Pois o senhor está formalizado? e vossa excelência (*para Júlia*) também está formalizada? e a menina (*para a que tem no braço*) também se formaliza?... Eu de mim, declaro-me formalizado sem saber porque. Formalizem-se todos, desde o dono da casa até ao criado da campainha. Isto deve acabar por ir cada um para sua casa, porque são quase quatro horas... não acha?

ÁLVARO

Se me dá licença...

EDUARDO

A respeito de licenças, isso não é comigo: é com o dono da casa... Que queria o meu amigo? quer duvidar de que a Sra. D. Júlia é a rainha das mais formosas? (*Com escárnio*)

ÁLVARO

Sr. Eduardo, as suas zombarias são intempestivas!... Entre cavalheiros é de uso adotar-se a linguagem séria e digna de um salão...

EDUARDO

O meu caro senhor está fúnebre como um mestre de cantochão... Falou muito bem; mas eu é que não me sinto disposto a manter a reputação de eloquente às quatro horas da manhã... Se me querem ver dormir, falem-me em cousas sérias... Diga-me cá... já tomou chocolate?

JÚLIA (*desprendendo-se do braço*)

Dê-me licença... Minha mana chama-me...

ÁLVARO

Eu acompanho-a, minha senhora...

(Vão sair)

JORGE

Minha bela menina, estamos quites... De hoje em diante cada um de nós caminha para o seu polo diverso...

JÚLIA

São indiferentes os seus passos... Caminhe para onde lhe aprouver, Sr. Jorge... *(Sai)*

EDUARDO

Disse que caminhasses para onde te aprovesse... Eu de mim vou para casa... Queres vir?... É verdade... que é da transparente criatura, que eu tinha no braço? Evaporou-se?... Deixá-la... *(Atira-se ao sofá)* Ai que sono!... Em que pensas tu?... *(Entra um criado com chávenas de chocolate)* Isso que é? Venha cá... É chocolate... Vosmecê não terá a habilidade de converter isto em vinho do Porto?...

CRIADO

Não, senhor...

EDUARDO

Então vosmecê, pelo que diz na sua, é um grande idiota. *(Toma duas chávenas da bandeja)* Pode retirar-se... Aquele senhor está fazendo versos... *(O criado sai)* Ó Jorge, não tens no coração um reservatório onde caiba uma chávena de excelente chocolate?

JORGE

Adeus... retiro-me...

EDUARDO

Alto lá!... Eu preciso saber em que lei devo viver... Reconsideraste a

respeito de Leocádia? Quem é que a ama, sou eu, ou és tu?

JORGE

Falas dela com tão pouco respeito!...

EDUARDO

De quem? de sua excelência!?... Pois eu disse alguma coisa que possa chamar-se grosseira?

JORGE

Leocádia não é uma apólice que se passe com o mesmo valor de mão em mão...

EDUARDO

Justamente o pior que ela tem é não ser apólice, nem ao menos ação da empresa do caminho de ferro de leste...

JORGE

Estás estragado!...

EDUARDO

Do estômago? Palavra de honra que sim! As tais sanduíches são indigestas como um artigo de fundo... Mas do espírito estou ótimo... Ela aí vem... Queres ficar só com ela?... Eu vou entreter Júlia... Que mais queres da minha docilidade? Um homem que faz isto não está de todo estragado...

CENA XII

Jorge e Leocádia.

LEOCÁDIA

Vou sair, Jorge... Dê-me uma só palavra, que me salve...

JORGE

Que queres que eu te diga, Leocádia?... Amanhã vou consultar a vontade de teu pai... Queres assim tão breve o desenlace das tuas afeições?

LEOCÁDIA

É muita felicidade, meu Deus. Eu não merecia tanto... E Júlia!... Coitadinha!... quanto não sofrerá ela!...

JORGE

Que tenho eu com Júlia!... Poderia amá-la com a paixão violenta de uma febre... mas estimá-la com a serena amizade que te dedico, Leocádia, isso nunca...

LEOCÁDIA (*reparando*)

Ai!... minha mãe... não me deixa um instante... Adeus...

CENA XIII

Os mesmos e Júlia, e depois, Eduardo e Álvaro.

JÚLIA

Espera, menina (*para Leocádia que se retira*)... São só duas palavras... Sr. Jorge... Vossa senhoria não é digno dela, nem de mim, que valho menos que ela... Não te felicito pela reconciliação, minha querida amiga... Deste a Eduardo, que a sociedade chama cínico, não vai distância que tu não vejas desaparecer vinte e quatro horas depois de casada... São tudo Eduardos...

EDUARDO

Que é isso de Eduardos? Ainda falta este... Trata-se de levar ao capitólio os Eduardos, minha senhora? Nesse caso peço que não sejam excetuados os Álváros. (*Para Álvaro que entra*) Venha cá, meu amigo... À vista deste quadro, confesse que fizemos tristíssimas

figuras... Aquele senhor (*apontando Jorge*) fez monopólio de dois corações, que nós tivemos o imbecil heroísmo de conquistar às três horas da noite... Sabe que mais? Olhemos para elas, e digamos como a raposa: “Estão verdes!” Pois não convém nisto?

VOZES DENTRO

Vamos meninas! São quatro horas.

EDUARDO

Nenhum dos senhores se quer bater pelo que vejo!... Boas noites...
Minhas senhoras...

VOZES

O último *cotillon*, o último.

EDUARDO (*para a viscondessa de Valbom que entra*)

O último *cotillon*, minha senhora, se não tem par...

(*Retiram-se todos os outros*)

VISCONDESSA

Eu não danço senão quadrilhas.

EDUARDO

Faz vossa excelência muito bem... Tem dançado muitas?

VISCONDESSA

Un peu... un peu.

EDUARDO

Ah! Vossa excelência fala francês! há quantos anos aprendeu, minha amável senhora? Antigamente ensinava-se um francês muito sólido... Hoje é tudo pela superfície...

VISCONDESSA

É verdade; mas as bases de uma verdadeira instrução são os sólidos rudimentos.

EDUARDO

Muito bem, minha senhora... O seu coração deve ser tão sensível como a sua cabeça é ilustrada.

VISCONDESSA

O meu coração está morto.

EDUARDO

Deveras!... Quem fará o milagre de o chamar à vida?... Eu de certo não ousaria tão difícil empresa...

VISCONDESSA

Vossa senhoria zomba?...

EDUARDO

Não zombo, porque não sei zombar com o amor...

VISCONDESSA

Fale baixo que aí vem meu marido...

EDUARDO (*para o marido que entra*)

Sr. visconde!... estávamos falando na guerra da Crimeia.

VISCONDE

Vai por lá o diabo... Eu acho que os aliados não metem o nariz em Sebastopol.

VISCONDESSA

Pelo menos em quanto a Áustria e Prússia não expedirem forças que supram a mortandade dos ingleses...

VISCONDE

E que me diz o senhor à exportação dos bois? Cessa ou não cessa?

EDUARDO

A respeito de bois, não sei nada... (*reparando para fora*) aí vem tudo...

Que é isto!... uma senhora desmaiada?

CENA XIV

Os mesmos, e Júlia desmaiada nos braços de algumas damas.

VOZES

Que seria?

Coitadinha...

Tragam água...

EDUARDO

Fumo de charuto não é mau...

VISCONDE

Faz favor de lhe botar um pouco de fumo pelas ventas?...

EDUARDO (*acendendo o charuto*)

Lá vou... lá vou, Sr. visconde.

VOZES

Não é preciso...

JÚLIA

É Jorge!... Jorge é o responsável da minha vida...

VOZES

Ah!...

EDUARDO

É uma maneira bonita de terminar um ato! Está tudo com a boca aberta... e eu também! (*Abrindo a boca*)

ATO II

A cena é na Foz, justamente na praia dos Ingleses. Senhoras e homens tomando banhos; outros, entrando nas barracas, horriovelmente desfigurados, ou, antes, tais quais a natureza os fez. Sobre os penedos, pinhas de povo que pasmam diante dos ensaios do salva-vidas. Estes podem dizer o que quiserem a tal respeito. O autor dá carta branca ao ator para que diga centenas de parvoíces: pode até discorrer sobre o drope se lhe aprouver; mas o melhor é calar-se.

CENA I

Afora estes entes nulos, Jorge e Leocádia sentados em cadeiras.

LEOCÁDIA (*fazendo SS com o guarda-sol na areia*)

Estás tão sombrio, Jorge!

JORGE (*fazendo T na areia com a chibata*)

Estou otimamente.

(Ouvem-se guinchos muito simpáticos das senhoras, que patinham no banho. Alguns homens urram)

LEOCÁDIA

Parece que te aborrece a Foz!...

JORGE

Nada me aborrece... Estou bem em toda a parte...

LEOCÁDIA

Ninguém o há de dizer... Todas as minhas amigas me perguntam o que tens...

JORGE

Diz-lhes que se não incomodem...

LEOCÁDIA

Hão de supor que a tua amizade para comigo foi uma ilusão desvanecida pelo casamento...

JORGE

A opinião é livre... Suponham o que quiserem.

LEOCÁDIA

Mas não consideras que eu sofro muito se elas imaginam tal?

JORGE

Não me lembrava essa espécie... Isso é amor próprio...

LEOCÁDIA

Não é amor próprio... é dor do coração...

JORGE

Será algum aneurisma?

LEOCÁDIA

É uma zombaria bem cruel!... Estranho-te, Jorge.

JORGE

Também eu me estranho... Não achas que é melhor estarmos calados?

LEOCÁDIA

Calar-me-ei...

JORGE

E fazes bem... Estes diálogos terminam sempre mal... A necessidade da variar a conversação é a tísica das grandes paixões... Uma frase repetida aborrece, por mais bonita que seja... Nós podíamos ter sempre cousas novas a dizer, se não tivéssemos gastado a inspiração em quatro meses de casados. Dissemos tudo... definimos tudo que nos rodeava, e agora sentimos a dura necessidade de nos definirmos a nós... É onde está o mal... Tu queres que eu te repita o que te disse há cinco meses, e eu zango de repetições... Não sei fazer frases como tu fazes punhos de camisas... Exauri-me... Agora é necessário esperar uma nova colheita do terreno que já deu fruto. Essas lágrimas vem muito a propósito... (*Erguendo-se e espreguiçando-se*) Ai! que vida!... (*Reparando*) Olá, Eduardo!... por cá?

CENA II

Os mesmos e Eduardo.

EDUARDO

É verdade... Como passou, minha senhora?

LEOCÁDIA (*disfarçando as lágrimas*)

Muito bem... agradecida... Está bom?

EDUARDO

Como sempre... Tenho uma saúde insuportável!... Não sou capaz de arranjar uma dor de cabeça, para me dar certos ares românticos. Vejo por aí muitos mancebos, alquebrados no frescor da vida, e, em quanto a mim, são infelizes criaturas que sofrem dos calos... Já tomou banho, minha senhora?

LEOCÁDIA

Não tomo banho hoje. Constipei-me ontem.

EDUARDO (*para Jorge*)

E tu?

JORGE

Vou tratar disso... Ficas por aqui?

EDUARDO

Vamos nós conversar, minha senhora... Eu hoje sinto-me com disposição para dizer cousas muito filosóficas...

(*Jorge sai*)

CENA III

Leocádia e Eduardo.

LEOCÁDIA

Vossa senhoria tem sempre um humor tão alegre...

EDUARDO

Será isto idiotismo? Já me lembrou se eu seria tão doido como por aí me julgam!

LEOCÁDIA

Quem o julga doido?!

EDUARDO

É toda essa sociedade...

LEOCÁDIA

Doido... não!... Dizem que vossa senhoria não tem persistência em coisa nenhuma; e escarnece tudo...

EDUARDO

Em quanto à persistência, é falso o que dizem, minha senhora, e sinto que vossa excelência, tão distinta do comum, queira ser o eco das opiniões vulgares da rançosa sociedade... Não sou inconstante...

LEOCÁDIA

A quem diz isso? Pois não sei eu a sua vida!... Só namoros, tenho-lhe conhecido cinquenta.

EDUARDO

Serão mais, talvez; mas... que namoros!... Vossa excelência não se recorda de que foi meu namoro vinte minutos no baile do barão de Valbom? (*Leocádia abaixa os olhos*) Pois os tais cinquenta namoros foram todos assim... Não sou constante, porque não encontrei ainda uma mulher, que possa adorar-se seriamente. Não há paixão que o ridículo não mate. As minhas tem todas sofrido morte de gargalhada.

LEOCÁDIA

Pois não amou nunca seriamente?

EDUARDO

Eu lhe digo, minha senhora... amei... Vou contar-lhe a minha vida; mas só lhe digo os argumentos dos capítulos que são três. *Capítulo 1º* - Conta-se que Eduardo Leite amou diabolicamente uma mulher, aos dezesseis anos, e fez tantas loucuras por ela, que, não tendo mais que fazer, quis suicidar-se com pós dos ratos, e foi uma tia que lhe valeu com um copo de azeite... Pois vossa excelência ri-se das minhas desgraças!... E eu supunha que a fazia chorar!... Estou como certo dramaturgo que endoudeceu porque a plateia se riu justamente no pedaço mais triste da tragédia!...

LEOCÁDIA

É que vossa senhoria dá um colorido cômico às cenas mais tristes...

EDUARDO

Capítulo 2º - No qual se diz que o dito Eduardo Leite fez tristíssima figura, vociferando injúrias contra as mulheres, emagrecendo na razão inversa da hidropisia do ceticismo, e passeando de noite nas Fontainhas, perguntando às estrelas pela mulher dos seus sonhos, e bebendo água no chafariz para refrigerar o vulcão, que lhe queimava as entranhas. Dizem-se outras muitas cousas tristes a este respeito, como por exemplo um duelo que ele teve com o seu rival, de que lhe resultou estar quinze dias de cama, com uma bala metida num ombro. Que lhe parece o segundo capítulo?

LEOCÁDIA (*sorrindo*)

É fúnebre; mas faz-lhe muita honra...

EDUARDO

Estou por isso... É uma honra muito grande...

LEOCÁDIA

Pois não é? ser ferido em duelo por causa de uma senhora!... Quem seria a ditosa?

EDUARDO

Era a filha do meu sapateiro, minha senhoria...

LEOCÁDIA (*com seriedade*)

Não diga tal... Vossa senhoria não se fascinava por tal mulher!...

EDUARDO

Pois fascinei-me... Era linda como a edição mais nítida, que saiu da tipografia celeste. Nos seus olhos espelhava-se a candura, e dos lábios fugiam-lhe espíritos de asas cintilantes, como não vi em nenhuns, exceto nos de vossa excelência...

LEOCÁDIA

Dispensó a comparação...

EDUARDO

E faz bem, minha senhora!... Ela por fim, caiu do ministério a que eu a levantei, e tornou-se uma gorda matrona casada com um gordo bate-folha, que é a minha vergonha porque teve a petulância de lutar comigo, e vencer-me...

LEOCÁDIA

E foi esse que teve o duelo com vossa senhoria?

EDUARDO

Nada... foi uma segunda vítima, que ainda hoje faz quadras a uma certa visão que lhe apareceu no amanhecer da vida... E esta visão é a sobredita filha do meu sapateiro...

LEOCÁDIA

A sua vida é um poema épico... E o terceiro capítulo?

EDUARDO

É verdade, o terceiro capítulo... O terceiro capítulo... é isto... É este riso, esta zombaria, esta conscienciosa abnegação de mim mesmo... é a resignada docilidade com que me prestei a ser o instrumento de vossa excelência para ferir a vaidade de seu marido... Queira desculpar-me... Entristeci-a? O passado, passado... Quer vossa excelência que eu lhe escolha duas conchinhas? (*Procurando na areia*) Aqui está uma bem bonita... (*Reparando*) aí vem a sua amiga Júlia...

LEOCÁDIA (*sobressaltada*)

Ai!... vem?...

EDUARDO

Como se dá ela com o marido, sabe dizer-me?

LEOCÁDIA

Não sei... penso que não é feliz...

CENA IV

Leocádia, Júlia e Eduardo.

JÚLIA

Sr. Eduardo, se me concedesse alguns instantes com a minha amiga...

EDUARDO

Pois não, minha senhora... (*Sai*)

JÚLIA

São só duas palavras... Vi entrar teu marido para a barraca, e não nos vê... Leocádia... Eu não sou mais feliz que tu... Jorge fez-nos desgraçadas a ambas... Tu sabes que o meu casamento com Álvaro foi um capricho que tenho sustentado com lágrimas... Mas tu não tens culpa... Sei que não és amada... Eu também o não seria... Sou ainda tua amiga... Não poderei prestar-me nunca a ser o cutelo na mão do teu algoz... aí tens essas cartas.

LEOCÁDIA

Que cartas são estas?!

JÚLIA

São cartas, que teu marido me escreve...

LEOCÁDIA

Meu marido!...

JÚLIA

Sim... mais nada... adeus... (*Sai*)

CENA V

Leocádia, e depois Eduardo.

LEOCÁDIA

Vou sondando toda a profundidade do meu abismo... Eu bem sabia que era infeliz; mas tanto... não!...

EDUARDO

Parece-me que a sua amiga não veio dar-lhe prazer... Tão descorada, minha senhora! Que tem?

LEOCÁDIA

Nada, Sr. Eduardo... É uma nuvem passageira... Queira dizer a Jorge que me retirei...

EDUARDO

Eu acompanho-a...

LEOCÁDIA

Não consinto... a minha casa é ali...

EDUARDO

Não insto, minha senhora, para não ser importuno...

(Ela sai cortejando-o)

CENA VI

Eduardo, e depois a Viscondessa de Valbom, com um criado de farda, que conduz em saco de damasco vermelho a roupa de banho.

EDUARDO (*acendendo um charuto*)

Ora aqui está o que são os moços honestos, honrados, e bem comportados!... São estes dois maridos. Jorge passa por um mancebo exemplar; Álvaro dizem que é o tipo da bondade; e, contudo, vou descobrindo que as respectivas mulheres, se escrevessem jornais, estavam em oposição com os maridos. Os honrados são eles... Eu é que sou o cínico!... Esta sociedade é uma grande patacoada!... aí vem a viscondessa de Valbom. Não me larga desde aquele baile... (*Olhando sobre o ombro*) Ela cá está comigo... (*Erguendo-se*) Minha querida senhora viscondessa, como passou vossa excelência desde ontem?

VISCONDESSA

Passablement. Esperei-o à noite para a partidinha, e o maganão não nos quis honrar com a sua visita...

EDUARDO

Urgentes negócios obrigaram-me a ir ao Porto.

VISCONDESSA

Namoro... diga a verdade... namoro...

EDUARDO

Não, minha senhora. O meu coração está desde muito na terceira seção... Não há poder que o faça entrar na efetividade...

VISCONDESSA

Ora deixe-se disso... Eu sei que ama... e ama uma senhora... que... digo?

EDUARDO

Se lhe apraz...

VISCONDESSA

Não direi; mas... lembre-se de que *la propriété nest pas un vol* como diz Proudhon...

EDUARDO

Eu acredito que a propriedade não seja um roubo, e por isso mesmo não tento contra ela.

VISCONDESSA

Tenta, tenta... Isso não é bonito... Se quer merecer a minha estima, não tente partir os vínculos matrimoniais de... eu bem sei...

EDUARDO

E vossa excelência acha que sou indigno da sua estima, se tentar...

VISCONDESSA

Pois não? há cousa mais sagrada sobre a terra?! A reputação de uma senhora!... (*Mudando de tom*) É verdade que muitas vezes toda a filosofia é pouca para conter os ímpetos do coração... (*Mudando para o tom da honestidade*) Ainda assim, a mulher digna reprime-se, e faz-se superior a si própria... (*Mudando de tom*) Apesar disso, eu absolvo alguns erros, que muitas infelizes cometem, porque tem a imprudência de tentar com a ponta do pé o desfiladeiro, e por fim...

EDUARDO

Escorregam...

VISCONDESSA

Justamente...

EDUARDO

E nesse caso...

VISCONDESSA

Está a pessoa de quem falamos...

EDUARDO

Nós não falamos de pessoa nenhuma... Queria eu dizer que nesse caso não está de certo vossa excelência.

VISCONDESSA

Quem sabe!... (*À parte*) Ai! o que eu fui dizer!...

EDUARDO

Sei-o eu porque a conheço desde menino, sempre esposa exemplar...

VISCONDESSA

Desde menino, não!... pois que anos tem vossa senhoria?...

EDUARDO

Trinta, minha senhora.

VISCONDESSA

Trinta?!... Há de ser isso... Não levamos grande diferença...

EDUARDO

Queira perdoar-me, minha senhora, mas eu andava na escola, quando vossa excelência deu um baile para celebrar os anos de seu filho, que era meu discípulo... Há quantos anos isto vai!

VISCONDESSA (*enfronhada*)

Dê-me licença que vá ao meu banho... São horas, e a maré principia a vazar...

EDUARDO

Vasa, vasa, minha senhora... Será bom aproveitar a vazante...

VISCONDESSA (*à parte*)

É muito grosseiro!...

EDUARDO

Vai a resfolegar pólvora pelos narizes... Desta vez, creio que aboli este vínculo de nova espécie!... aí está um dos tais cinquenta namoros de que fala Leocádia... E é por causa destas... que me chamam inconstante!... Que péssimo charuto!... Gilbert se vivesse neste tempo suicidava-se com um destes canudos de ácido prússico...

CENA VII

Eduardo e Jorge.

JORGE

Leocádia?

EDUARDO

Já lá vai... Disse que ia para casa.

JORGE

Dá-me lume... (*Acende o charuto*) Quero dar-te um conselho, Eduardo...

EDUARDO

Sim?!

JORGE

Não te cases.

EDUARDO (*Álvaro, sem ser visto, entra numa das próximas barracas*)

Deus me livre... Sendo eu, como realmente sou um cínico, pobre da mulher que tivesse de lutar com o meu cinismo!... O casamento é bom para ti que és um anjo de virtude, e para Álvaro que é o tipo da

sisudez... Diz-me cá, és muito feliz, não és?

JORGE

Não. Estou cansado... Minha mulher... é uma mulher...

EDUARDO

É *uma* mulher? Pois louva a Deus por não serem duas... Quantas querias tu? Aposto que estás desmoralizado como um turco?!

JORGE

Sempre galhofeiro... Agora sério... Tu que és homem de expedientes, não me dizes como eu possa ser feliz com Leocádia?

EDUARDO (*ironicamente*)

Estás a zombar! Pois o anjo de virtude vem consultar o cínico!? Não abuses da tua superioridade, Jorge...

JORGE

Se tu soubesses que tormentos aqui vão nesta alma!... A paixão alucinada que me abriu o inferno no coração!... Tenho necessidade de respirar... Quero que tu me ouças, porque não és desses tartufos que torcem o nariz à menor expansão de um espírito atormentado!... Sabes que amo até ao delírio uma mulher?

EDUARDO

É a tua naturalmente... Isso é muito justo...

JORGE

Não é a minha...

EDUARDO

Pois a minha também não...

JORGE

Não motejes a minha dor... Se me não queres ouvir com seriedade, calemo-nos...

EDUARDO

Ora diz...

JORGE

Eu amo... Júlia...

EDUARDO

A mulher de... Oh escândalo!... Fala baixo que te não ouçam os caranguejos...

JORGE

Não sofro o escárnio... És incapaz de compreender um sentimento nobre...

EDUARDO (*rindo*)

Sim... esse sentimento é muito nobre... Eu é que sou o cínico... Tens razão... estou estragado a ponto de não compreender a nobreza desse sentimento... Prega essa moral, verás o galardão que recebes...

JORGE

Não me importa a sociedade... Perco-me por aquela mulher... Era ela quem eu amava... Casei com Leocádia por um capricho... mas a mulher do meu coração era Júlia...

EDUARDO

E ela... concorda?

JORGE

Não... despreza-me... recebe as minhas cartas, e não me responde...

EDUARDO

Mas sempre vai lendo as cartas?... Então continua, visto que esse sentimento é nobre... Eu é que sou o cínico...

JORGE

E quem sabe o fim para que ela recebe as cartas?

EDUARDO

Talvez para papelotes, quando se frisa...

JORGE

Adeus!... estás insofrível... Isso ofende!...

EDUARDO

Pois eu sei cá para que ela recebe as cartas?

JORGE

Talvez para mostrá-las a minha mulher... e vingar-se assim...

EDUARDO

Isso pode ser... A história antiga conta três fatos semelhantes. O primeiro aconteceu com Dido, a respeito de Enéias; o segundo com Fredegonda...

JORGE

Deixa lá isso... que me importa a mim a história?... Fazes-me um favor?... Se falas com ela, podes sondá-la a meu respeito...

EDUARDO

Sondá-la?... não sei de que modo!... Tu não sabes que o marido é meu figadal inimigo? Só se a vir por aqui destacada do osso do seu osso... Ela ainda agora aqui esteve com D. Leocádia...

JORGE

Com minha mulher!

EDUARDO

Sim...

JORGE

Estou perdido!... Deu-lhe as cartas!...

EDUARDO

Daria?! Que grande imoralidade!

JORGE

E por isso Leocádia se retirou...

EDUARDO

E olha que não ia boa... Parece-me que a estas horas já ela admirou o estilo das tuas preciosas cartas!... Olha... queres ver Júlia?... Ela vem para aqui... Esconde-te atrás dessa barraca, em quanto ela te não vê... e quando passar, fala-lhe...

JORGE (*cumpre*)

Que hei de eu dizer-lhe?!...

EDUARDO (*sorrindo*)

Vê se ela compreende o teu nobre sentimento...

JORGE

Ela não para a ouvir-me... tu verás...

EDUARDO

Se não parar, anda tu com ela... (*Retira-se*)

CENA VIII

Jorge e Júlia.

JORGE

Não tenho ânimo... Sou um imbecil...

JÚLIA (*sem o ver, sentando-se em cadeira*)

A minha querida vingança!... Não vim só para sofrer... Alguém há de sofrer comigo...

JORGE (*dirigindo-se com irresolução*)

Ânimo!

JÚLIA (*voltando-se de repente, e erguendo-se*)

O senhor!... (*Quer retirar-se*)

JORGE (*sustendo-a*)

Não me fuja...

JÚLIA

Retire essa mão, senhor!

JORGE

Esse enfado é muito pouco senhoril... Esta mão não mancha a sua pureza...

JÚLIA

Para mim tem o horror de mão que me feriu com um punhal... O senhor não tem dignidade nenhuma... Retire-se, que meu marido pode vê-lo.

JORGE

Que veja... Eu não temo seu marido...

JÚLIA

Pois não o tema a ele, mas respeite-me a mim, para que a sua

posição de marido seja respeitada...

(Eduardo tem vindo por entre as barracas esconder-se atrás da mais próxima do diálogo)

JORGE

Eu já me não respeito na minha posição... Seu marido que tire represálias, que eu sou indiferente a todos os ultrajes dessa ordem.

EDUARDO *(à parte)*

Eu é que sou o cínico...

JÚLIA

Então devo acreditar que o senhor requintou em imoralidade...

JORGE

Acredite o que quiser... Saiba que foi uma paixão que me perverteu... Hei de cuspir na sociedade, visto que a não posso calcar aos pés... Desprezo todas as formalidades... Para a desesperação não há conveniências a guardar...

EDUARDO *(à parte)*

Eu é que sou o cínico!...

JÚLIA

Pois, senhor, eu entendo que as devo guardar todas... Sr. Jorge, tenha vergonha diante da sua própria consciência. *(Vai retirar-se)*

JORGE *(segurando-a)*

Há de ouvir-me... Que destino deu às minhas cartas?

JÚLIA

Entreguei-as a sua senhora.

JORGE

Isso foi um vil procedimento...

JÚLIA

Deveria antes entregá-las a meu marido?

JORGE

Não tenho nada com seu marido, Júlia... Não me cite tantas vezes o nome de seu marido, que é de nenhuma importância neste objeto...

CENA IX

Os mesmos e Álvaro saindo da barraca, vestido de banho.

JÚLIA

Ah! meu marido...

EDUARDO (*escondido*)

Isto há de ser bonito...

ÁLVARO

Pois, Sr. Jorge, eu pensei que importava alguma coisa neste negócio... Isto que é? Caíram miseravelmente num silêncio estúpido!... Júlia, tu não falas? Sr. Jorge! não fique embuchado!... O senhor está-me dando uma importância, que não era a do seu programa...

JORGE

Esta situação é melhor que a não prolonguemos. Vossa senhoria vai pedir-me uma satisfação...

(Júlia retira-se)

ÁLVARO

Está enganado... Não tenho de que lhe pedir satisfação... Faz vossa senhoria muito bem... Não lhe desagradam os olhos daquela senhora, e põe os seus meios... Tudo isto é natural... Que satisfação lhe hei de eu pedir!...

EDUARDO (*à parte*)

Eu é que sou o cínico!

JORGE

Acabemos, Sr. Álvaro...

ÁLVARO

Tranquelize-se, cavalheiro... Eu ainda não disse senão metade. Visto que o senhor gosta dos olhos de minha mulher, eu aproveito a ocasião para lhe dizer que não desgosto dos olhos da sua. Com a diferença, porém, que eu, declarando-me a vossa senhoria, dou-lhe a importância que vossa senhoria me não deu... Visto que nos encontramos no mercado, permutaremos os olhos de nossas mulheres. O senhor fica com os olhos da minha, e eu com os olhos da sua... Parece-me que me vai pedir uma satisfação...

JORGE

Não sei com que intenção me faz semelhante proposta...

ÁLVARO

Com a melhor intenção do mundo... É um contrato bilateral... sem testemunhas... Eu concedo-lhe a frequência de minha casa para vossa senhoria estudar bem os olhos de minha mulher, e o cavalheiro franqueia-me ocasiões de estudar os olhos da sua.

EDUARDO (*à parte*)

Eu é que sou o cínico!...

JORGE

E se na sociedade se desconfia esta convenção?

ÁLVARO

Deixe-se disso... A sociedade, deu-nos diplomas de excelentes pessoas... Eu creio que ambos temos a finura necessária para desempenharmos, sem pateada, os nossos papéis... Aqui o grande plano é que afastemos do nosso comércio Eduardo, porque esse tem a alma suficientemente estragada para nos adivinhar...

EDUARDO (*à parte*)

Muito, obrigado!... Até este me dá diploma de cínico!

ÁLVARO

Agora, meu amigo, vou tomar banho... Hoje à noite espero-o com sua senhora em minha casa para tomarem uma chávena de chá... (*Apertando-lhe a mão*) *Au revoir*, meu caro senhor... (*Saem*) Ó banheiro!... Vamos lá, que nos foge o mar...

CENA X

EDUARDO

Visto que eu sou o cínico, e os virtuosos são estes, passo a ser um pouco mais virtuoso que eles, para que eles sejam cínicos como eu... Alguma vez hei de atinar com a virtude... A verdadeira acho que é a deles... O gênero não é caro... Veremos...

ATO III

Passa-se em casa do visconde de Valbom. Sala faustuosa: luxo sem gosto: muita cadeira de estofos amarelos: muito relógio: muita bugiaria de vidro, de mistura com porcelanas de Sevres, e adornos d'ouro, sem significação nem serventia. É noite.

CENA I

Viscondessa de Valbom, D. Júlia, Jorge, visconde de Valbom.

(Um criado com uma bandeja, recebe as chávenas do chá; e retira-se)

VISCONDESSA *(a Jorge)*

A Sra. D. Leocádia não virá?

JORGE

É natural que venha.

VISCONDESSA

Com o capelão?

JORGE

Sim... com o capelão...

VISCONDESSA *(a Júlia)*

O Sr. Álvaro que andarás a fazer?

JÚLIA

Naturalmente... das suas...

VISCONDE

Das suas... isso que quer dizer?! Álvaro é o exemplo da honradez personalizada...

JÚLIA

Agradecida a vossa excelência, Sr. visconde.

VISCONDESSA

Não tem de que, menina. Seu marido é um anjo, e a sociedade faz-lhe justiça. A reputação que ele tem granjeado é a prova infalível das suas virtudes. Ele, e aqui o Sr. Jorge são os dois cavalheiros mais

queridos da nossa roda. Foram rapazes, sem rapaziadas. São maridos, sem mancha, e hão de ser sempre modelos de probidade a todos os respeitos.

JORGE

Muito grato, minha senhora. Tenho empregado todos os esforços por merecer à sociedade um bom conceito, e creio que o tenho conseguido...

VISCONDESSA

Porque o merece. Se o não merecesse, creia que o não teria, porque a opinião pública é justiceira, e nunca se engana com os bons, ou com os maus... Não se lembra da opinião que teve Eduardo?

JORGE

Uma péssima opinião.

VISCONDE

Oh! de certo, aquilo era um homem com uma língua depravada, e costumes horríveis...

VISCONDESSA

Mas vejam que lhe chegou a sua hora de reflexão. Retirou-se completamente da sociedade; viveu três meses encerrado consigo mesmo na solidão, e voltou para o mundo completamente desfigurado. É outro homem...

JÚLIA

Totalmente outro.

VISCONDE

Faz mesmo espantar a diferença que o homem fez!...

JORGE

É pasmosa!

VISCONDESSA

As suas palavras são todas sérias, medidas, e refletidas. Os seus modos são circunspetos, civis, e insinuantes. O seu vestir é muito grave, muito decente, e muito sisudo... Dizem-me que dá esmolas... tenho lido nos jornais alguns atos de filantropia que o honram muito... enfim, está um cavalheiro, que não deixa nada a desejar! Vejam o que são as cousas!... Aqui há quatro meses, se ele me olhasse para uma das minhas criadas, despedi-la-ia imediatamente; e hoje, se eu tivesse uma filha, dava-lha com imensa satisfação...

JORGE

Muito se lucra, quando se é honrado!...

VISCONDE

Pois não! Não há nada como a honra!

JORGE

Oh! a honra é a salvaguarda de todas as inquietações!

VISCONDESSA

Que precipícios não encontrou Eduardo em quanto se deixou ir à mercê dos seus extravagantes desejos!...

VISCONDE

Oh!... era insofrível!... Nunca se viu assim uma libertinagem!...

JÚLIA

Ouvi falar tão mal desse homem, e nunca me disseram distintamente os seus crimes.

VISCONDE

Imensos, imensos...

VISCONDESSA

Imensíssimos, imensíssimos...

JÚLIA

Mas posso eu saber algum deles?

VISCONDE

Eu não sei de nenhum; mas dizem por aí que são muitos... muitos...

JÚLIA

E a Sra. viscondessa sabe quais são?

VISCONDESSA

Também não sei; mas, na boa roda, diziam que ele era um prodígio de imoralidade...

JÚLIA

E o Sr. Jorge? Esse há de saber muitas cousas...

JORGE

Creio que há muitas cenas horríveis na vida desse homem, todavia, eu não sei nenhuma...

JÚLIA

Mas vive com ele há mais de sete anos...

JORGE

É verdade... mas, como ele me não chamava a testemunhar os seus desvarios, nada sei...

JÚLIA

O que se segue é que nenhum de nós sabe dizer em que consistiu a depravação de Eduardo!...

VISCONDESSA

A sociedade não se engana, menina. Ela que o condenou lá sabe os motivos porque o fez. A virtude não é nunca infamada. Veja lá se seu marido, e aqui o Sr. Jorge foram vítimas da calúnia!...

JÚLIA

Mas eu queria que me citassem um crime de Eduardo...

UM CRIADO

O Sr. Eduardo...

CENA II

Os mesmos e Eduardo.

(Eduardo veste todo de preto. Maneiras muito acanhadas, dando-se uns ares de virtude idiota. Uma cortesia a cada palavra. Recolhido sempre em si, afetando uma imbecilidade moral, de fazer piedade)

VISCONDESSA e VISCONDE.

Muito bem-vindo.

EDUARDO

Como passaram vossas excelências?

VISCONDESSA

Maravilhosamente... queira sentar-se.

EDUARDO

E a Sra. D. Júlia?

JÚLIA

Um pouco afetada dos nervos.

EDUARDO

Muito sinto, minha senhora, Deus a poupe a sofrimentos de todo o gênero... E o meu amigo Jorge... como passa?

JORGE

Assim, assim...

VISCONDESSA

Então! senta-se?

(Eduardo senta-se)

EDUARDO

Como está tua senhora, Jorge?

VISCONDESSA

Estamos à espera dela.

EDUARDO

E seu marido, Sra. D. Júlia?

VISCONDE

Não deve tardar...

(Eduardo em ar de pensativo, esfregando as costas das mãos)

VISCONDESSA

Ele aí vai recair nas suas melancolias! Não o queremos assim! Que tem?

EDUARDO

Pesares... que vem de longe, minha senhora...

VISCONDE

O passado já lá vai... Agora vossa senhoria é outro homem... Toda a gente diz que quem o viu e quem o vê...

VISCONDESSA

Nada de tristezas. A virtude é sempre alegre... Ó menina, vá tocar um bocadinho... Tenho notado que o Sr. Eduardo está melhor quando ouve tocar... Que quer que ela toque?

EDUARDO

O que sua excelência quiser...

JÚLIA

Cousas tristes?

VISCONDESSA

Não, menina! Bem triste está ele!... Toque alguma coisa do Barbeiro de Sevilha...

JÚLIA

Pois, sim... (*Vai tocar na sala imediata*)

VISCONDESSA (*a Eduardo*)

Quer que vamos à sala do piano, ou quer gozar de longe?

EDUARDO

De longe, se vossa excelência não manda o contrário.

(*Jorge, logo depois, segue Júlia*)

VISCONDE

Muito folgamos de o ver reabilitado na opinião pública.

EDUARDO

E estarei-o eu por ventura?

VISCONDESSA

Está... Veja... num só mês recuperou os créditos perdidos em tantos anos...

EDUARDO

Muito devo a Deus, porque é o contrário que costuma acontecer... Então a Sra., D. Júlia não nós dá o prazer de a ouvirmos? Vai-nos demorando o gozo...

VISCONDE

Eu vou lá... (*Sai*)

CENA III

Eduardo e a viscondessa.

VISCONDESSA (*com vivacidade*)

Vês como saiu certo tudo o que eu te disse? A sociedade é uma excelente pessoa.

EDUARDO (*mudança de tom. Ouve-se o piano*)

Tenho notado isso... Achas que vou bem assim?

VISCONDESSA

O melhor possível... Ponto é que te conserves...

EDUARDO

Neste pé de virtude? Já me não desmancho... E, com efeito, dizem que sou beato, virtuoso, mártir, contrito...

VISCONDESSA

Até o visconde está espantado da tua mudança...

UM CRIADO

A Sra. D. Leocádia, e o Sr. Álvaro. (*Sai*)

VISCONDESSA

Não sei o que me parece este grupo, a estas horas!... Sabes que eu suspeito...

EDUARDO

Suspeitas?!... Oh!... eu não... Facilidades da inocência!...

CENA IV

Os mesmos, D. Leocádia e Álvaro.

VISCONDESSA

Tão tarde!...

LEOCÁDIA

Foi impossível aquietar o pequeno até agora...

EDUARDO (*tornando ao tom beatífico*)

Passou bem, minha senhora?

LEOCÁDIA

Bem...

(*Álvaro dá uma gargalhada*)

VISCONDESSA

Que riso é esse?

ÁLVARO

Não é nada, minha senhora... Quem toca, é minha mulher?

VISCONDESSA

É sim... se quer vá à sala...

ÁLVARO

Não, minha senhora. (*Senta-se trombudo a um canto da sala*)

VISCONDESSA (*a Leocádia*)

Que terá ele? Estranho-o!...

LEOCÁDIA

Eu não sei... Chegou a minha casa quando eu estava para sair... Disse-me que me acompanhava... veio comigo sem dizer palavra... e não sei mais nada, nem me importa...

EDUARDO (*pesaroso*)

Terá dor de dentes? São dores dos nossos pecados... Deus nos acuda...

VISCONDESSA

Venha cá, Sr. Álvaro!... O nosso bom amigo Eduardo, que é o S. Paulo dos nossos tempos, pergunta se lhe doem os dentes...

(*Álvaro dá outra gargalhada*)

LEOCÁDIA

Ora entendam lá aquilo!...

CENA V

Os mesmos, e Júlia, Jorge e o visconde.

JORGE (*apertando a mão de Leocádia*)

Até que finalmente...

JÚLIA (*apertando a mão de Álvaro*)
Com efeito... demoraste-te.

ÁLVARO
Negócios...

LEOCÁDIA
O pequeno não queria adormecer...

(*Álvaro dá terceira gargalhada*)

JORGE
Que riso é esse?

JÚLIA
A que vem o destempero dessa gargalhada?...

VISCONDESSA
Lá está outra vez mergulhado na sua melancolia o Sr. Eduardo!...
Quer, talvez, mais música...

EDUARDO
Se não receasse ser indiscreto, pedia a vossa excelência aquela ária da Norma... no ato final...

VISCONDESSA
Executada por quem?

EDUARDO
Por vossa excelência... dá-lhe uma graça particular... Não quero ofender as duas senhoras que a desempenham habilmente; mas não sei que toque melancólico...

VISCONDESSA

Pois sim... irei... Vamos todos...

EDUARDO

Se me concedesse...

VISCONDESSA

Ficar sozinho aqui?... Pois sim... fique.

VISCONDE

Eu cá fico com ele...

VISCONDESSA

Não, não... deixa-o... são necessidades orgânicas... Eu também tenho destas tempestades morais...

VOZES

Pois sim... pois sim...

(Saem)

CENA VI

Eduardo, e depois Júlia.

EDUARDO

A gargalhada de Álvaro quer dizer muito... *(Ouve-se a ária da Norma)*
O maldito veria alguma cousa? Se viu, lá vai a terra todo o meu edifício de virtude... Dizem que ela é fácil, eu vejo-me ilaqueado numa rede tal, que se me descobrem não sei por onde hei de evadir-me... Que pena se me não deixam ser honrado!... Tenho, só num mês, colhido tantas palmas de virtude, que, passados três, neste andar, eu todo seria um palmito...

JÚLIA (*agitada*)

Eduardo...

EDUARDO

Júlia...

JÚLIA

Pelo amor de Deus, desvanece-me de uma suspeita que me despedaça...

EDUARDO

Que é?!

JÚLIA

Tu amas Leocádia.

EDUARDO

É falso...

JÚLIA

Mas ela adora-te com delírio...

EDUARDO

Que culpa tenho eu?

JÚLIA (*tomando-lhe a mão com frenesi...*)

Não me sacrifiques a ela... a nenhuma... porque nenhuma te amará tanto...

JORGE (*ao fundo*)

Isto é espantoso!...

EDUARDO

Não vêes que represento um papel hipócrita, tão contra o meu

caráter, para te não perder?

JORGE (*o mesmo*)

É incrível!...

JÚLIA

Conheço tudo... meu anjo... Vou à sala... pode notar-se a minha falta...

CENA VII

Eduardo, e depois Leocádia, e depois o Visconde na porta do fundo sem ser visto.

(Ouve-se ainda a música da Norma)

EDUARDO

Tornemos à posição do benemérito Tartufo. Oh meu querido Molière, onde quer que estás recebe os meus agradecimentos pelo excelente molde que me cá deixaste!

LEOCÁDIA (*impetuosamente*)

Eduardo... só duas palavras... Olha que Álvaro viu-te sair de minha casa...

EDUARDO

Viu?! estão explicadas as gargalhadas...

LEOCÁDIA

Receio maus resultados... Ele é capaz de tirar qualquer vingança... Oh meu Deus!... estou sobre um vulcão...

EDUARDO

E eu dentro de uma tina... Deixa correr os sucessos... Vai, que

podem descobrir-nos...

VISCONDE (*à parte*)
Como se explica isto?

LEOCÁDIA
Que hás de tu dizer se ele nos denuncia?

EDUARDO
Provo que não sou mais imoral que ele... As pretensões são as mesmas...

VISCONDE
Isto é bonito!... (*Retira-se*)

LEOCÁDIA
Que situação a minha!...

EDUARDO
Retira-te, que podem surpreender-nos...

(*Leocádia sai*)

CENA VIII

Eduardo, e depois a viscondessa, e Álvaro ao fundo.

EDUARDO
Atropelam-se os acontecimentos!... Tudo isto faz persuadir que eu tenho sido um homem verdadeiramente virtuoso! No tempo em que eu era cínico, antes que a sociedade me chamasse regenerado, as mulheres não andavam assim numa dobadoura em redor de mim! Ó benévola opinião pública, quanto te devo!... aí vem outra que me não faz muita honra!...

VISCONDESSA

Aproveitei um instante para estar só contigo antes que eles venham...

EDUARDO

Como és carinhosa!

VISCONDESSA

Desconfiei que Leocádia tivesse vindo para aqui... Sabes que tenho ciúmes de todas as mulheres!...

ÁLVARO (*à parte*)

Que ouço!...

EDUARDO

Continuo a representar bem? A plateia aplaude?...

VISCONDESSA

O visconde disse-me neste momento que tinha muito que contar-me... perguntei-lhe a que respeito... e ele de fugida pronunciou o teu nome e de Leocádia...

ÁLVARO (*à parte*)

E Leocádia!...

EDUARDO

E Leocádia!... Como se entende isso?...

VISCONDESSA

Não sei... Mudemos de tom que eles aí vem...

CENA IX

Os mesmos, e Júlia, Álvaro, Jorge e Leocádia.

VISCONDESSA (*com ênfase*)

Pois não queremos uma virtude assim melancólica... É necessário que ressurja desse abatimento moral, Sr. Eduardo... A verdadeira felicidade está na consciência. O seu passado não tem a pedir contas ao seu presente... A sociedade abre-lhe o braços como ao filho pródigo... (*Álvaro solta uma risada*) Que riso é esse, Sr. Álvaro?

ÁLVARO

É um riso nervoso!...

EDUARDO (*à parte*)

Mau!...

LEOCÁDIA

Não tem razões para tanta melancolia!... É estimado geralmente pelas suas virtudes, e merece a confiança de todas as pessoas... (*O visconde solta uma risada*) Que risada é essa, Sr. visconde?

VISCONDE

É uma risada como a daquele senhor. (*Apontando Álvaro*) É uma risada nervosa!

EDUARDO (*à parte*)

Pior!...

JÚLIA

Parece que escarnecem a virtude!... Estas transfigurações morais custam muitas amarguras... Eu compreendo a melancolia do Sr. Eduardo... Lembra-se do que foi, e, no prazer do que é, sente pesar de o não ter sido desde muito... (*Jorge solta uma risada*) Também o senhor se ri?

JORGE

É uma risada como a daquele senhor... (*apontando Álvaro*) é uma risada nervosa...

EDUARDO (*à parte*)

Está tudo por terra!... (*Alto*) Vejo que os meus amigos estão muito nervosos!... Banhos de mar podem ser-lhes proveitosos... Não acho bonito que me escarneçam... Fazem-me lembrar a fábula do leão e do... Enfim, seja tudo em desconto das minhas culpas!... (*Riem todos três*) Ora compreendam isto!... É um abuso do riso!... Eu não lhes mereço isso, senhores! Dizem por aí que eu sou um honrado homem, e não se cospe assim na honra...

JORGE (*à parte*)

Vou-lhe arrancar a máscara!...

VISCONDE (*à parte*)

Hipócrita!

ÁLVARO (*à parte*)

O impostor não passará de hoje...

VISCONDESSA

Que falsa posição é esta?

LEOCÁDIA

Não entendo isto!

JÚLIA

Nem eu!

EDUARDO

Nem eu!...

VISCONDESSA

Que modos são esses!... em que pensam os senhores?...

ÁLVARO

Eu pensava nos recursos do talento depravado!... Senhores!... é necessário que se acabe esta comédia de algum modo!... Aquele senhor (*indicando Eduardo*) é um impostor!

EDUARDO

Eu! Calúnia! infâmia... quero as provas...

ÁLVARO

A Sra. D. Leocádia que as dê...

VISCONDE

Justamente: a Sra. D. Leocádia que as dê!...

JORGE

Minha mulher!...

LEOCÁDIA

Eu!

EDUARDO

Ela!...

ÁLVARO e VISCONDE

Sim! ela!...

JORGE

Pois bem... caia a máscara... Esse senhor é um infame sedutor!

EDUARDO

Eu!

VISCONDESSA

Ele!

JORGE, VISCONDE e ÁLVARO

Sim, sim, ele!

EDUARDO

Provas, senhores caluniadores!

JORGE

Provas? a Sra. D. Júlia que as dê!

ÁLVARO

Minha mulher!

JÚLIA

Eu!

EDUARDO

Ela!

JORGE e VISCONDE

Sim, sim, ela!

ÁLVARO

Nesse caso... rasgue-se o véu do mistério... Todos somos vítimas da hipocrisia desse homem!

VISCONDE

Menos eu!

VISCONDESSA

Nem eu!

EDUARDO

Provas, senhores!

ÁLVARO

Provas? a Sra. viscondessa que as dê.

VISCONDE

Minha mulher!

VISCONDESSA

Eu!

EDUARDO

Ela! Álvaro e Jorge... Sim, sim!

EDUARDO

Todas três!...

ÁLVARO (*para Júlia*)

Responde!

JORGE (*para Leocádia*)

Que dizes a isto?

O VISCONDE (*para a viscondessa*)

Pois não te defendes?

TODAS TRÊS

É falso!...

EDUARDO (*mudando de tom*)

Eu vou defendê-las, minhas senhoras!

ÁLVARO

A Sra. D. Leocádia não tem defesa nenhuma, porque...

EDUARDO

Silêncio!

JORGE

A Sra. D. Júlia não tem defesa nenhuma, porque...

EDUARDO

Esperem!...

VISCONDE

Concordo que nenhuma dessas tem defesa!... mas é preciso que me provem que...

EDUARDO

Alto lá... Queiram retirar-se, minhas senhoras... É defesa a presença das rés no tribunal que vai instalar-se... Queiram retirar-se...

(Elas saem)

CENA X

Eduardo, Jorge, Álvaro e o Visconde.

EDUARDO

Venham cá... Os senhores não tem ouvido dizer que eu me regenerarei? Respondam, sim ou não?

ÁLVARO

Qual *regenerou-se!* É um impostor!...

EDUARDO

Concordemos em que sou um impostor. Mas digam-me: a opinião pública a meu respeito é essa?

VISCONDE

Não é... porque o senhor enganou-nos.

EDUARDO

Pois, se não é, por que não respeitam os senhores a opinião pública à qual me mandaram obedecer?

VISCONDE

Já lhe disse que a opinião pública está iludida com o senhor!

EDUARDO

E dantes? há quatro meses era mais verdadeira que hoje?

JORGE

Não quero disputas... Não respondo ao seu interrogatório... Quero uma satisfação imediata.

ÁLVARO

E eu também.

EDUARDO

E o Sr. visconde?

VISCONDE

Veremos, depois...

EDUARDO (*sorrindo*)

Acha que não vale a pena decidir já... Pois lá iremos... Mas, antes disso, queiram atender-me: os senhores, com uma bala, em duelo, podem matar-me, primeira loucura; e, se me não matam, arruínam a minha boa reputação, que eu aprecio mais que a vida; segunda

asneira... Que lucram os senhores com isto?

ÁLVARO

Nada de filosofias!... É indispensável para a minha honra um duelo...

JORGE

Não prescindo.

EDUARDO

Pois se não prescindem, lá vamos... Mas os primeiros que hão de bater-se um com o outro, são os senhores! (*Indicando Álvaro e Jorge*)

ÁLVARO e JORGE

Nós?!...

EDUARDO

Os senhores...

ÁLVARO

Por quê?!

EDUARDO

Porque têm trabalhado reciprocamente na sua desonra.

JORGE

Isso é uma nova infâmia!

EDUARDO

Mãos na consciência, meus amigos! O contrato feito há quatro meses na praia dos Ingleses não os exime de serem honrados!

ÁLVARO e JORGE

Na praia dos Ingleses!...

EDUARDO

Querem explicações?... Vejam lá o que resolvem... Querem explicações?... Que dizem?!... Esse silêncio anuncia bonança... Aproveitemos o vento que é favorável... Concordam em que ocultemos mutuamente as nossas misérias? Eu de mim... (*Comprime os lábios com os dedos...*) Os senhores, se são honrados como a opinião pública os apregoa, calem-se também...

VISCONDE

Mas eu é que não entro nesse contrato...

EDUARDO

Nem lhe propus... mas, vossa excelência contando com o silêncio destes cavalheiros, de certo não quererá uma ignóbil publicidade a respeito de... Veja lá o que resolve...

VISCONDE

Mas vossa senhoria não há de entrar mais em minha casa...

EDUARDO

De acordo. Amanhã embarco para a exposição de Paris, e tenciono viajar três anos... Serve-lhe a condição?... O silêncio aprova... Muito bem... (*Ao fundo*) Minhas senhoras! queiram entrar!... (*As damas entram*) Vossas excelências foram julgadas inocentíssimas e absolvidas... Continuamos todos a ser excelentes pessoas a todos os respeitos. Estes senhores, de parte a parte, pedem perdão das calúnias sórdidas com que quiseram reciprocamente manchar os seus nomes...

VISCONDESSA

Assim o supus!

JÚLIA

Assim devia acontecer!

LEOCÁDIA

Mas eu não perdoo a quem me infamou!

VISCONDESSA e JÚLIA

Nem nós!

EDUARDO

Hão de perdoar, que são muito boas senhoras, e o perdão das injúrias é o sentimento mais nobre do coração humano... Eu retiro-me com os meus créditos, e vossas excelências ficam com os seus... Muito boas noites... (Sai)

(Os outros, como é natural, ficam a olhar uns para os outros com aquelas caras próprias de tais conflitos. O autor vem fora dizer que não há na comédia alusões nenhuma. A plateia retira satisfeita, e continua a guardar-se dos cínicos. No dia seguinte os jornais dizem que a comédia é imoral, e atentatória contra os bons costumes. Os Sganarelos mandam comprar o jornal, e mostram-no aos compadres. O autor, cômico de que o mordem, vem no conhecimento de que os mordentes são os legítimos Orgons deste século; mas, um pouco menos felizes que os de uma grande comédia, que o leitor, se se não recorda, ou não leu nunca, pode encontrar com o título de Tartufe. Se, todavia, detesta a letra redonda, estude a vida prática, e chegará à mais difícil das formaturas, ao ultimatum da sabedoria: "o conhecimento dos homens." É tão fácil, ao primeiro intuito, estremar o cínico do hipócrita!... Dai-me o primeiro, que repelis, e não me relacioneis com o segundo, que abraçais: que eu, profundamente grato, ficarei pedindo a Deus que vos aumente o dinheiro, e vos conserve uma saúde bem vermelha, bem gorda, para que a virtude não seja sempre uma irrisão neste planeta. Disse)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com